

**REIFICAÇÃO E CONSUMISMO  
OSTENTATÓRIO NO  
GATSBY O MAGNÍFICO<sup>1</sup>**

Robert Sayre<sup>2</sup>

Michaël Löwy<sup>3</sup>

Em uma de suas mais interessantes declarações sobre as questões literárias, Marx afirmava que se podia aprender mais sobre a situação social da Inglaterra contemporânea com a leitura de certos romances do que estudar o conjunto das análises que tratavam desse tema. Para o autor do *Capital*, portanto, a literatura pode permitir o acesso ao conhecimento social. Ela pode exercer uma função cognitiva no campo do que é o objeto de estudo que chamamos hoje de ciências sociais (e, talvez, de modo mais pertinente, de certo conjunto dessas ciências sociais). Ou, se essa questão nos parece fora de dúvida, é preciso acrescentar e destacar que os discursos literários e os discursos das ciências sociais representam modos de conhecimentos funcionalmente específicos. Como freqüentemente insistia o sociólogo da literatura, Lucien Goldman, a teoria formula os conceitos, as leis, as análises, e a obra literária ganha vida através dos indivíduos, dos personagens e das situações. Se a primeira segue a lógica da racionalidade científica, a segunda segue a da imaginação e, dessa forma, produz um "efeito de conhecimento" insubstituível, iluminando, por assim dizer, o "interior", os contornos e as formas da realidade social. O que implica uma complementaridade possível, e desejável, entre as duas formas de discursos.

---

<sup>1</sup> Tradução de Márcia Teixeira de Souza - Departamento de Antropologia, Política e Filosofia- Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP - Brasil.

<sup>2</sup> Maitre de conférences de L' Université de Mame-la-Vallée. França.

<sup>3</sup> Pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS). Paris.

Tentaremos ilustrar essa proposta analisando como o célebre romance de F. Scott Fitzgerald, *Gatsby, O Magnífico* (1925), pode levar a compreender os aspectos essenciais da sociedade moderna, isto é, a reificação e o consumo ostentatório, aspectos estes intimamente ligados e relativamente distintos. Trata-se, portanto, de destacar algumas modalidades importantes de conhecimento *sui-generis* desses fenômenos, articulando-os, exclusivamente, pelos meios literários. Pode-se dizer, de imediato, que o autor de *Gatsby, O Magnífico*, estava, particularmente, bem situado, para observar estas dimensões de sua época. Seu primeiro romance, *Deste lado do Paraíso* (1920), o tornara imediatamente conhecido...e rico, o que lhe permitira levar uma vida luxuosa e freqüentar os meios mais abastados e ociosos, Fitzgerald pôde, portanto, presenciar, em primeira mão, o consumo ostentatório em suas formas mais puras, durante os anos loucos do pós-guerra. Seu modo de vida faustoso terminara rapidamente e ele acabou por descobrir o reverso do "sonho americano". Ainda que em parte seduzido pelo charme mirabolante da grande riqueza, Fitzgerald permanecera lúcido e fora um crítico severo da sociedade americana em seu conjunto, notadamente no que concerne à degradação dos valores humanos submetidos ao império do dinheiro.

Talvez não seja inoportuno relembrar as grandes linhas da trama narrativa de *Gatsby*. A ação principal se desenrola durante o verão de 1922, e o narrador, Nick Carraway, participa também dos acontecimentos. Chegando do oeste, ele se instala em West Egg, cidade dos novos ricos situada próxima à Nova Iorque, onde é vizinho de Jay Gatsby. Com passado misterioso, o personagem mora em uma ampla residência onde promove festas extravagantes. Nick é primo de Daisy Buchanan, que, por sua vez, reside com seu marido no outro lado de uma baía, em East Egg, cujos habitantes são possuidores de fortunas mais antigas. Na narrativa, progressivamente, a vida passada de Gatsby vai se revelando. Ele havia cortejado Daisy durante a guerra e se instalou naquela casa para ficar mais próximo dela. Originário de uma família de fazendeiros pobres, sua fortuna é reconhecidamente baseada em

atividades criminais, principalmente o contrabando de álcool, e, além disso, Gatsby parece ser capaz de tudo, inclusive homicídio. Gatsby renova sua ligação com Daisy, cujo marido, Tom, um homem brutal e hipócrita, possui uma amante, chamada Myrtle, esposa de George Wilson, um garagista pobre. O desfecho do romance irá jogar com estes personagens, pois no fim da trama Daisy matará Myrtle, acidentalmente, quando dirigia o automóvel de Gatsby e este morrerá em consequência de um ato de vingança do marido de Myrtle.

A reificação ou a magia do fetichismo da mercadoria.

Pode-se afirmar, sem exagero, que o princípio fundamental do universo de *Gatsby* é a reificação no sentido dado a esta noção, por Marx e Lukács. Nesse romance, o poder do dinheiro penetrou em tudo para transformar as paisagens dos seres e das relações humanas em "wasteland" (terra estéril), para emprestar o título do poema publicado por T.S. Eliot em 1922, e que fora uma vigorosa fonte de inspiração para Fitzgerald. Na representação da devastação humana engendrada pela reificação, o romance é uma prova de originalidade sob vários aspectos. Gatsby, seu protagonista, se revela ser alguém que possui sentimentos exaltados como o amor e a crença nas potencialidades humanas. Esses sentimentos, entretanto, acabam sendo infiltrados e intimamente corrompidos pela obsessão do dinheiro. Raramente fora tão bem demonstrada como a reificação pôde invadir até mesmo os domínios que estão situados inteiramente nas antípodas do valor de troca, e em oposição a ela. E, também, de modo mais inovador, o romance traduz para a sua forma a experiência da reificação, permitindo perceber seus engodos e sua mistificação em todas as suas denotações. As metáforas empregadas (ironicamente) por Marx em suas análises do fetichismo da mercadoria utilizam-se do sobrenatural e da magia. E, de várias maneiras, *Gatsby* encarna essa magia profundamente ambivalente e enganadora.

### *Estudos de Sociologia*

A representação da reificação em *Gatsby* é extensiva e intensiva. Por um lado, podemos vê-la tocar todos os recônditos do universo romanesco e, por outro, podemos notar os ardis e as profundezas de sua penetração em seus personagens centrais: Nick, o narrador, e o próprio Gatsby. Se observarmos a localização espacial das pessoas envolvidas no romance, percebe-se uma geografia estruturada a partir de duas oposições que estão ligadas e que refletem as distinções sociais e culturais convencionais: o leste e o oeste dos Estados Unidos. Esses lugares são também, freqüentemente, vistos como pólos de um contraste: uma região de velha cultura versus uma região de acumulação selvagem, assim como o East Egg e o West Egg, cidades-subúrbio habitadas pelas fortunas antigas e pelas novas, respectivamente. Mas o romance desestabiliza essas distinções, mostrando que do ponto de vista do poder do dinheiro essas diferenças desaparecem. Tom, Daisy e Nick são originários de famílias abastadas do meio-oeste que demonstram a importância de sua riqueza e nenhuma evidência de que valores culturais não materiais são cultivados. De outro lado, logo nas primeiras páginas do romance, Nick desmistifica a aura "aristocrática" de sua própria família situando suas origens, em três gerações anteriores, no comércio atacadista de ferragens: a "velha" família de hoje era rica não há pouco tempo.

Quanto ao leste, é nos arredores de Nova Iorque e na própria cidade que a ação do romance se desenrola, lugar onde reside o juiz mafioso com quem Gatsby trabalha e de onde, ao se atravessar uma ponte, chega-se em Manhattan, espaço em que todas as transformações sociais são possíveis. Entre os dois Egg e Nova Iorque encontra-se o lugar privilegiado do romance: o Vale das Cinzas. Depósito dos detritos da civilização do dinheiro e da mercadoria, ele simboliza o todo: a América inteira é um vale da morte, onde os seres humanos, cobertos de cinzas, se parecem com mortos-vivos.

Nesse mundo decaído, todos os personagens, com uma exceção apenas, são corrompidos pelo poder do dinheiro em modelar suas vidas por meio dos motivos, emoções e ações. Tom,

por exemplo, utiliza sua riqueza para controlar e dominar os outros, e sua identidade se define pelas coisas que possui, coisas que ele não preza, mas que funcionam como signos de seu poder. Daisy, sua mulher, pelo contrário, é um ser sensível que está presa na armadilha de seu meio; é incapaz de viver seu amor por Gatsby em virtude de sua adesão à vida de luxo material em que desde a infância se viu envolvida. Por essa razão, casa-se com Tom, depois da guerra, ao invés de esperar o retorno de um Gatsby que não havia ainda feito fortuna. E, no momento em que Gatsby está ameaçado pelo rumor público e pela vingança de seu marido, Daisy toma partido deste último para recuperar a segurança dos abastados. O último sinal de sua má fé se revela quando ela não envia nem mesmo uma mensagem quando do sepultamento de Gatsby.

Quanto a Myrtle, a amante de Tom, também está motivada de maneira determinante pelo dinheiro e pela mercadoria. O que a atraiu para Tom, desde o primeiro encontro, foi o seu terno e sapatos luxuosos. O apartamento que Tom lhe ofereceu está entulhado de móveis de mau-gosto, pagos por ele, e durante o tempo em que estão juntos Myrtle continua comprando e sonha apenas em poder comprar mais. Tendo desposado um homem pobre, ela sente falta de uma sociedade em que o estatuto esteja determinado pela riqueza. Esta personagem, portanto, ilustra como até os despossuídos dessa sociedade podem submeter-se à sedução da reificação. E é esse o fenômeno todo poderoso do romance a ponto de ser possível demonstrar que a sua dominação se estende também a todos os personagens secundários, com uma exceção apenas, que é, precisamente, o marido de Myrtle. Paradoxalmente, George Wilson se revela ser o único verdadeiro amante do romance. Adorando, silenciosamente, sua mulher, ele fica aniquilado pela sua morte, e a violência cabal que comete contra Gatsby, resultado de um mal-entendido, consiste no único ato do romance que não está maculado pela motivação pecuniária.

A demonstração da quase-universalidade da reificação, a dimensão extensiva do fenômeno em *Gatsby* é, sem dúvida poderosa, mas pode-se encontrá-la igualmente em outros romances

### *Estudos de Sociologia*

modernos. Consideramos que a originalidade particular de Gatsby consiste em retratar o protagonista e as modalidades de apresentação do personagem pelo narrador, que exploram a realidade e a experiência da reificação no plano intensivo. Portanto, percebe-se em *Gatsby* a penetração do fetichismo da mercadoria nas aspirações mais essenciais, o sonho das possibilidades e o amor, ainda que a narração de Nick reifique o personagem de Gatsby e efetue uma mistificação (parcial) da totalidade do fenômeno no romance.

Logo na primeira menção de Gatsby, ele é caracterizado (segundo Nick) pela sua "sensibilidade pura em relação às promessas da vida e seu "dom excepcional em ter esperança". A projeção dessa sensibilidade faz parte do charme inefável de Gatsby, e se faz sentir em suas criações, as festas, que se desenrolam em um ambiente de "possibilidades românticas". Essa abertura espontânea ao possível e ao futuro explica, em grande parte, a impressão de juventude eterna atribuída a Gatsby. Mas ao longo da narrativa descobrimos que essa vida sonhada de Gatsby é identificada, desde a sua infância, com o mais clássico "sonho americano": aquele do sucesso material e do enriquecimento. Quando era um garoto, ele ordenara a si próprio uma regra de vida que buscasse um "auto-benefício", regra esta que, surpreendentemente, se assemelha àquela contida na autobiografia de Benjamin Franklin.

O ato fundador do programa de sucesso de Gatsby, quando tornou-se um jovem, foi o de ajudar um velejador milionário a tirar o seu barco do perigo, com a intenção calculada de se aproximar dele para tirar proveito. Esse é um exemplo evidente da inversão de valores própria da reificação: um ato de ajuda ao outro é instrumentalizado tendo em vista vantagens materiais; o altruísmo se transforma em interesse. Em seguida, os anos passados como *factotum* de milionário, que fez fortuna na corrida do ouro, serão um aprendizado para Gatsby do qual guardará uma foto de mineiro, "de aspecto duro e seco", em seu escritório. Quando se vê excluído da herança do milionário, Gatsby seguirá seu sonho de fortuna na ilegalidade e com uma resolução de tal insensibilidade que, em

alguns momentos de crise, Nick chegou a ter a impressão de que ele seria capaz até de matar.

Pode-se perceber, então, até onde pode conduzir o sonho de Gatsby, e, por extensão, sem dúvida, o sonho americano. Mas, a um dado momento, Gatsby deseja que seu sonho permita confundir-se com o amor, um amor que será, por consequência, igualmente corrompido como o sonho. De fato, descobrimos, progressivamente, que Daisy é indissociável da riqueza no pensamento de Gatsby. De início, sabemos que é rica: sua família possui o maior palacete de Louisville. Mais tarde, enquanto relata a Nick o seu primeiro encontro com ela, vemos que é a suntuosidade de sua casa o que mais o impressiona. O poder de sedução de Daisy é inseparável daquele que a casa exerce sobre ele. Mas a revelação mais evidente sobre o que representa Daisy para Gatsby, refere-se à sua voz. De modo reiterativo e, desde o seu início, o texto insiste sobre o poder de fascinação que a voz de Daisy exerce, tanto para Gatsby como para os outros. São invocados o seu calor e a sua musicalidade, bem como a "promessa" que parece encarnar. Mas, um dia, Gatsby surpreende Nick, que reconhece a justeza de sua constatação ao definir do seguinte modo a essência do encanto daquela voz: "sua voz é repleta de dinheiro ("her voice is full of money"). Na mesma passagem, Daisy é chamada de "garota de ouro" ("the golden girl"). Parece, então, claramente, que o sonho possível de Gatsby, que já havia se tornado um sonho de dinheiro, ao se transformar em amor a Daisy, reificou inteiramente esse amor do mesmo modo que o sonho de partida.

É preciso acrescentar que o próprio Gatsby aparece como um homem reificado, um homem que está reduzido às mercadorias que possui e a seu valor em dinheiro. Sua relação com as pessoas está sistematicamente submetida ao valor de troca, uma vez que procura sempre "comprar", com sua generosidade, a ajuda, a aceitação ou a afeição dos outros. Esse modo de agir se estende também a Daisy, e, no dia de seu reencontro com Gatsby, este ostenta uma vestimenta nas cores ouro e prata e se apressa em lhe mostrar sua moradia e tudo que ela contém, peça por peça. Ao fim

dessa visita, ele espalha diante dos olhos de Daisy toda a sua coleção de camisas. Essa cena culmina com a reação de Daisy que se desfaz em lágrimas dizendo: "isto me deixou triste porque eu nunca vi camisas mais belas...tão belas camisas". Essa passagem do livro ilustra bem a ação da coisa-mercadoria no mundo do casal, bem como no universo do romance.

O último requinte dessa demonstração é a voz narrativa de Nick Carraway, que traduz a experiência mesma da reificação, mistificando-a, envenenando-se com os seus encantos e negando-os, ao mesmo tempo que ela apresenta os indícios que permitem uma compreensão e uma desmistificação. Mas, antes de tudo, a voz narrativa detém a astúcia: desde o início Nick anuncia que Gatsby era diferente, e melhor que os outros em seu redor, e, no final de sua narração, se identifica plenamente com ele. Diante da indiferença geral pela morte de Gatsby, Nick desenvolve um "sentimento de desconfiança e de solidariedade desdenhosa entre mim e Gatsby contra todos os outros". O filho da família rica ficará do lado do arrivista. Por outro lado, durante toda a narrativa, Nick apresenta Gatsby como um ser cativante, sedutor, uma presença brilhante e, em resumo, quase mágica. Todo o seu modo de vida e sua maneira de ser aparecem sob uma luz, de algum modo, feérica. Deste modo, a realidade da reificação encontra-se disfarçada, mistificada, pela própria voz narrativa, e o leitor se submete, inegavelmente, ao encanto que emana de Gatsby tal como é descrito por Nick.

Nick, por sua vez, oferece ao leitor os instrumentos que lhe permite desconstruir sua construção mistificadora. Como um personagem ambíguo que é, Nick compartilha de uma tendência mercantil (ele se parece com o seu tio-avô, o fundador da fortuna familiar) e de um certo gosto pela literatura. Quando chega ao leste, durante o verão fatídico de 1922, tinha como objetivo trabalhar em um banco mas, também, estava atraído pela idéia de voltar às aulas de literatura que havia abandonado. As únicas aulas que ele terá, durante esse verão, tratarão de questões técnicas de finanças. Ele escolherá, finalmente, o banco do mesmo modo que ficará ao

lado de Gatsby. Mas, pode-se afirmar, que é este lado literário que, mesmo sendo o mais débil, permite a Nick ter, numa coexistência confusa com a sua visão mistificada, um ponto de vista distanciado e crítico a respeito de Gatsby (ponto de vista que pode ser observado a partir dos últimos parágrafos do romance).

A originalidade da narrativa reside nesse duplo ponto de vista, o qual sinaliza que no âmago dessa narrativa ambivalente está a sensibilidade própria da literatura que conduz à desmistificação da reificação.

#### O consumo ostentatório.

Um dos aspectos mais interessantes de *Gatsby* é a apresentação do fenômeno do consumo ostentatório, como uma expressão evidente da reificação da vida social das classes ociosas. Se todas as manifestações de consumo não são diretamente produto da reificação, a afinidade ou articulação entre as duas características não é menos inegável. Pode-se considerar o consumo ostentatório como sendo, até um certo ponto, uma das formas de que se reveste a reificação em uma sociedade hierárquica. Trata-se, portanto, da dominação das coisas sobre o ser social dos indivíduos e da degradação-coisificação das relações sociais.

Para melhor destacar a originalidade e a força cognitiva do romance de Fitzgerald, vamos confrontá-lo com o celebre livro do sociólogo e economista Thorstein Veblen, *A teoria da classe ociosa*. Essa confrontação é possível porque ambos observam os mesmos fenômenos: os hábitos, o estilo de vida e a cultura das classes ociosas no sentido antropológico, notadamente nos Estados Unidos. Os dois compartilham de um mesmo ponto de vista crítico, não desprovido de ironia e mesmo de sarcasmo, sobre o fausto superficial e "magnífico", do luxo ruidoso dessa elite parasitária e ávida. Não sabemos se Fitzgerald leu a obra de Veblen. Em todo caso, não foi de uma teoria qualquer que ele tirou sua inspiração principal, mas de sua experiência pessoal. "Observador participante", tanto do exterior como do interior, de fora como de dentro, crítico,

mas fascinado pela classe ociosa americana dos anos vinte, o escritor traz consigo alguma coisa de único que a sociologia vebleniana não poderia, de nenhum modo, substituir.

Observemos, desse ponto de vista, o consumo ostentatório, tema central da *Teoria da classe ociosa*: o consumo improdutivo de bens e serviços como prova da capacidade pecuniária se mostra como um modo de ociosidade. Trata-se, a partir de uma ostentação permanente do supérfluo e do inútil, de tornar pública a riqueza e chamar a atenção para o poder monetário.

No romance, essa necessidade de ostentação é particularmente evidente no personagem de Gatsby o novo-rico - "saído do nada, direto da sarjeta" especulador e escroque juiz Wolfsheim - que tem necessidade de avançar o sinal, exagerar no esbanjamento para poder afrontar seu rival, Tom Buchanan, homem de riqueza hereditária. Seu automóvel, "enorme", cheio de vários abrigos "triunfantes" e ornado com "um labirinto de vidros que refletiam uma dúzia de sóis" é um ótimo exemplo dessa perspectiva. O mesmo pode-se dizer de sua casa, "um negócio colossal, sob todos os pontos de vista", um falso castelo da Normandia, com sua torre, seu jardim imenso e sua piscina de mármore, onde participavam de suas mundanas recepções suntuosas aqueles "que estavam ansiosamente conscientes do dinheiro fácil daquela vizinhança".

O rico hereditário não faz menos ostentação de seu poder pecuniário. "Eu tenho uma bela mansão aqui", vangloria-se o narrador, abrangendo num gesto amplo a casa sofisticada, o meio quilômetro de gramado, o jardim italiano e o barco a motor. Mas ele consome de modo mais natural, porque procedente de uma família "imensamente rica", ostentando com um desembaraço de "cortar o fôlego". Todos os dois se utilizam do esbanjamento ostentatório como um instrumento que Veblen chama de "a comparação provocante": a rivalidade pecuniária, a disputa para destruir o adversário a partir da demonstração de uma superioridade monetária.

Robert Sayre e Michael Lōwy

Entre as formas mais importantes de consumo ostentatório, citadas por Veblen, destaca-se o "hábito de proporcionar grandes festas e diversões". Mas ele não analisa o conteúdo social desse ritual e suas formas específicas no âmbito das sociedades capitalistas modernas (em contraste notável com os festins aristocráticos dos antigos).

Em uma das passagens mais impressionantes de seu romance, Fitzgerald nos mostra, a partir de pequenas indicações sucessivas, "o espírito" de tal festa ruidosa e pomposa: uma multidão de gente, na maioria de não convidados, cujas "regras de comportamento estavam associadas aos parques de diversão", dançam em "sob arcs enfadonhamente eternos, enquanto o champanhe escorre e as risadas vazias elevam-se em direção ao céu de verão".

O que mais marca essas manifestações ruidosas e alegres da riqueza é a solidão dos indivíduos no meio da multidão, a começar pelo próprio Gatsby, o anfitrião do divertimento, que a maioria dos foliões não conhece nem deseja conhecer. O álcool, mesmo em grandes quantidades, não chega a preencher o vazio sideral desse "acontecimento social" e seu "convívio" artificial.

Encontramos aqui uma outra característica fundamental do estilo de vida das classes ociosas que, curiosamente, encontra-se ausente em Veblen: o tédio.

Jordan Baker, a amiga de Daisy, uma personagem jovem, esportiva, arrogante, entedia-se com tudo ao longo da história. Quanto à própria Daisy, eis o seu lamento: "O que faremos de nós mesmos esta tarde? E no dia seguinte e dos próximos trinta anos?". Este testemunho resume, melhor do que todo discurso sociológico, o assédio, no triplo sentido de preguiça, tédio e melancolia, e marca com a sua força os intermináveis dias de ociosidade dos *happy few*.

E para escapar ao tédio que Daisy viajava com seu marido Tom Buchanan para França e pelo mundo "onde as pessoas jogam polo e são ao mesmo tempo ricas". Mas essa fuga atinge um

## *Estudos de Sociologia*

impasse: "Eu já estive em todo lugar, já tudo fiz e tudo vi. Estou farta!"

É a eterna repetição do mesmo: pólo, festas, viagens, carros esportes, cavalos de corrida, pólo novamente, e assim por diante, *ad aeternum*, o que torna a vida da elite pecuniária tão vazia e tediosa.

Segundo Walter Benjamin, a pior das enfermidades é aquela dos gregos antigos, em que os condenados, como Sísifo e as Danaides<sup>4</sup>, são submetidos à eterna repetição dos mesmos gestos, ao infinito. Caso se aceite esta premissa, não há dúvida de que o paraíso artificial dos abastados ociosos tem algo que remete a uma descida aos infernos. Não estamos muito distantes da atmosfera de *Gatsby, o Magnífico*.

Para poder fugir do tédio, a classe ociosa, às vezes, apresenta opiniões políticas. De acordo com Veblen, o conservantismo consiste na tendência dominante, porque considerada digna, respeitável e de "bom tom". O que ele não diz é que esse digno conservantismo é completamente hipócrita: Fitzgerald mostra-nos um Buchanan alardeando um discurso moralista e ostensivo na defesa da instituição familiar, ainda que seja um praticante, feliz, do adultério com a esposa de um garagista. Um outro aspecto do conservantismo da elite pecuniária moderna (capitalista) que parece ter escapado à sociologia é a sua pretensão à "modernidade" e ao "cientificismo", para apoiar as opiniões mais reacionárias.

Aqui está um discurso de Buchanan, fielmente transmitido pelo romancista: "A civilização está prestes a cair em pedaços (...). Vocês leram "O desenvolvimento dos impérios de cor", de Goddard (...). Todo mundo deveria lê-lo. A idéia é que se não houver precaução a raça branca será totalmente subvertida. E algo de fato científico, isto já foi provado(...). Todos os seus livros são científicos (...). Este tipo analisou toda a questão. Cabe a nós, que somos da

<sup>4</sup> Extraído da mitologia grega, este refere-se às 50 filhas de Dânao, que após terem eliminado os maridos na noite de núpcias, foram submetidas ao castigo de preencher com água um tonei sem fundos. N.do T.

raça dominante, prestar atenção, ou ainda estas outras raças irão controlar as coisas". "Nós somos nórdicos", continua ele, "somos nós que produzimos todas as coisas que fazem a civilização". Mais adiante, ele volta à sua crítica: "As pessoas já começam hoje a desprezarem a vida familiar e as instituições familiares, logo jogarão tudo para cima e passarão a pôr em prática o casamento entre brancos e negros".

Este discurso pode parecer um tanto exagerado, mas é preciso se lembrar que as opiniões racistas e anti-semitas não eram, de fato, excepcionais, ou consideradas de "mau gosto" na elite pecuniária dos Estados Unidos durante os anos vinte. Lembremos que foi nessa época que Henry Ford publicou *O usurário internacional* (1921), que acabou se tornando um dos livros de cabeceira dos dirigentes do Terceiro Reich, eles também partidários científicos da "Civilização Nórdica".

A vida econômica moderna e o modo de vida da classe ociosa terminaram por modelar, também, o caráter dos indivíduos, sua alma, seu espírito, no sentido psicossocial do termo. Em uma das passagens mais fortes de seu livro, Veblen mostra como a cultura pecuniária e a rivalidade do consumo ostentatório engendram o que chama de "temperamento predatório" ou ganancioso: uma excepcional ausência de escrúpulos, uma mentalidade estritamente egoísta, uma mescla de crueldade e astúcia, em suma, o desprezo impiedoso e inflexível em relação aos sentimentos e aspirações de outrem.

Reencontramos esses traços de caráter, ponto por ponto, nos personagens do romance. Se a avidez e a fraude não estão ausentes das atividades financeiras de Gatsby, e, sobretudo, de seu sócio escroque Wolfshiem, é Thomas Buchanan que encarna, em todo o seu esplendor, "o temperamento predatório" da classe ociosa: seus olhos "brilhantes de arrogância", seu corpo "cruel", sempre inclinado "agressivamente para frente", seu tom desdenhoso, seu "egoísmo físico grosseiro", testemunham essa tendência. O *ethos* da avidez se manifesta, notadamente, em sua maneira de ser em relação às mulheres, como a esposa Daisy e a

### *Estudos de Sociologia*

amante Myrtle, da qual quebra o nariz num gesto de brutalidade espantosa. No entanto, os outros personagens não são melhores, a começar pela arrogante e desdenhosa Jordan Baker, "incuravelmente insolente", que se omitiu, por indiferença, quando surpreendeu um operário com seu automóvel, indo até Daisy, que esmagou Myrtle "como um cão\*", sem parar seu veículo. Eles são todos, constata o narrador, pessoas sem escrúpulos que destróem as criaturas e as coisas para, em seguida, bater em retirada na direção do dinheiro, deixando aos outros o encargo de limpar os destroços. Quanto a Myrtle, a garagista, ela tenta, com uma vulgaridade e inabilidade lastimáveis, imitar "o desdém em relação aos inferiores" e a arrogância da elite pecuniária.

O que se pode dizer como conclusão ao fim da análise da dimensão "cognitiva" do romance de Fitzgerald? Antes de qualquer coisa, que a contribuição específica da obra literária se situa ao nível da singularidade concreta, do microcosmo que contém, de uma certa maneira, o macrocosmo social. E não somente porque ela esclarece outros conceitos que não os científicos, percebidos, mesmo pela sociologia dita compreensiva, como vinculados a uma certa exterioridade, mas, também, e sobretudo, porque ela ilumina os momentos obscuros dessa realidade, que o cientista social não percebe, seja em decorrência de suas próprias determinações, seja porque aqueles momentos são, por sua própria natureza, de difícil acesso ao ponto de vista da ciência, necessariamente abstrato e genérico.

A luz interna, a abordagem subjetiva, a natureza concreta e singular dos personagens e situações fazem da literatura um meio infinitamente melhor e inesgotavelmente profundo de conhecimento social, que nenhuma obra da ciência, por mais adequada que seja, pode substituir.

RESUMO: Trata-se de uma interpretação do romance *Gatsby, o Magnífico*, de F. Scott Fitzgerald, a partir de aspectos essenciais da socie-

Robert Sayre e Michael Lőwy

dade moderna, como a reificação e o consumo ostentatório, aspectos esses intimamente ligados e relativamente distintos. Trata-se, portanto de destacar algumas modalidades importantes de conhecimento *sui generis* desses fenômenos, exclusivamente, pelos meios literários.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação, classe ociosa, reificação, literatura.

ABSTRACT: This paper is a sociological interpretation of the novel *The Great Gatsby*, by F. Scott Fitzgerald, from the point of view of some of the essential aspects of modern society such as the reification and the boasting consume which are at the same time closely linked and relatively distinct. In fact, it tries to point out some important modalities of human knowledge through a literary form, the novel.

KEYWORDS: Alienation, idle class, literature, reification.